

J. PINTO PEIXOTO ▪ F. R. DIAS AGUDO ▪ J. TIAGO DE OLIVEIRA ▪ J. CAMPOS FERREIRA  
MARGARITA RAMALHO ▪ A. RIBEIRO GOMES ▪ ARMANDO POLICARPO ▪ F. DUARTE SANTOS  
J. GOMES FERREIRA ▪ L. A. MENDES VICTOR ▪ MANUEL LARANJEIRA ▪ M. GOMES GUERREIRO  
J. CÂNDIDO DE OLIVEIRA ▪ ROBALO CORDEIRO ▪ J. CELESTINO DA COSTA ▪ A. CASTRO CALDAS  
BARAHONA FERNANDES ▪ ARANTES E OLIVEIRA ▪ A. F. CARVALHO QUINTELA ▪ A. BARBOSA  
DE ABREU ▪ GOUVÊA PORTELA ▪ L. BRAGA CAMPOS ▪ J. J. DELGADO DOMINGOS ▪ A. F.  
OLIVEIRA FALCÃO ▪ DOMINGOS MOURA ▪ H. CAMPOS NETO ▪ A. LARCHER BRINCA ▪ J. F.  
QUINTINO ROGADO ▪ M. AMARAL FORTES ▪ M. BAPTISTA BRAZ ▪ M. PEREIRA COUTINHO  
FERNANDO ESTÁCIO ▪ P. O. PEREIRA SANTOS ▪ A. A. MONTEIRO ALVES ▪ BRITALDO RODRI-  
GUES ▪ L. AIRES DE BARROS ▪ MATOS ALVES ▪ M. PORTUGAL FERREIRA ▪ ANTÓNIO RIBEIRO  
FRANCISCO GONÇALVES ▪ TELLES ANTUNES ▪ LUÍS ARCHER ▪ J. MONTEZUMA DE CARVALHO  
J. FIRMINO MESQUITA ▪ ABÍLIO FERNANDES ▪ J. MALATO-BELIZ ▪ ARSÉNIO PATO DE  
CARVALHO ▪ A. XAVIER DA CUNHA ▪ ALLEN DEBUS ▪ J. SIMÕES REDINHA ▪ SEBASTIÃO  
J. FORMOSINHO ▪ A. M. A. ROCHA GONSALVES ▪ L. ALMEIDA ALVES ▪ OLIVEIRA CABRAL  
FRAÚSTO DA SILVA ▪ JOSÉ V. PINA MARTINS ▪ AMÉRICO COSTA RAMALHO ▪ FERNANDO  
REBELO ▪ C. ALBERTO MEDEIROS ▪ ILÍDIO DO AMARAL ▪ MANUEL GARRIDO ARAÚJO  
MANUEL VIEGAS GUERREIRO ▪ A. SIMÕES LOPES ▪ A. SOUSA FRANCO ▪ ONÉSIMO T. ALMEIDA  
JUSTINO MENDES DE ALMEIDA ▪ FRANCISCO GAMA CAEIRO ▪ RÓMULO DE CARVALHO

---

# HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA EM PORTUGAL NO SÉC. XX

III VOLUME



---

PUBLICAÇÕES DO II CENTENÁRIO DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA  
LISBOA • 1992

FILOLOGIA E HUMANISMO EM PORTUGAL  
NO SÉCULO XX

JOSÉ V. DE PINA MARTINS

O Humanismo nasce e desenvolve-se em Portugal a partir dos inícios do século XVI, quando em Lisboa se publicam as *Epistolae*, as *Orationes* e os *Poemata* do italiano Cataldo Parisio Siculo, humanista chamado ao ensino da corte depois de ter passado pela douta Bolonha. Segundo Américo da Costa Ramalho, que tem estudado de há largos anos os escritos deste insigne latinista, a sua obra assinalaria o ponto de partida do nosso Humanismo<sup>1</sup>. É verdade, também, que em Bolonha, em Pádua e em Florença um poeta latino português, Henrique Caiado (Hermicus) escreve discursos e élogos na língua de Cícero e Virgílio, textos apreciados até por Erasmo que deles fala nos *Adagia* e no *Ciceronianus* de 1528. Em Salamanca ensina grego Aires Barbosa (Arius lusitanus) colega do grande Nebrija nos anos 1511-1516, período em que se editam na cidade do Tormes não só alguns dos seus livros gramaticais e retóricos, mas também, em 1516, um seu maciço comentário da *Historia Apostolica*<sup>2</sup> de Arator, um poeta cristão contemporâneo de Santo Agos-

<sup>1</sup> Veja-se o estudo introdutório à reprodução facsimilada das *Epistolae Cataldi* (Lisboa, 21 de Fevereiro de 1500), Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1968, pp. 9-22.

<sup>2</sup> Sobre o aparecimento dessa obra na cidade do Tormes, directamente conexada à Alma Mater salmantina, escrevemos em *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal — Les deux regards de Janus*, Lisbonne-Paris, 1989, p. 842: «Peut-être pourrait-on, il est vrai, discerner une certaine rigueur dans l'exégèse et une ébauche d'orientation méthodologique dans les œuvres pédagogiques et philologiques d'Aires Barbosa, publiées en 1511 et 1516». E na nota correspondente a este passo, exactamente na mesma página, fazemos menção da *Aratoris Cardinalis Historia Apostolica cum Commentariis Arii Barbosa Lusitani* e a outros textos humanísticos menos importantes do grande helenista português.

tinho. Esse comentário, já posto em causa pela sua prolixidade, prova que o filólogo português era também filósofo e principalmente teólogo, ainda que, neste domínio, não possa de maneira nenhuma ombrear com alguns humanistas que, no seu tempo, aplicaram aos textos sacros os métodos daquela filologia do rigor com que editavam os textos clássicos da Grécia e de Roma, tais, por exemplo, um Lefèvre d'Étaples e principalmente um Desidério Erasmo.

O Humanismo verdadeiro e próprio surge em Portugal — assim tenho procurado demonstrá-lo à luz de provas convincentes — na década de 1520-1530, sob o signo de três nomes insígnis: Giovanni Pico della Mirandola, que Erasmo considerou um génio inteiramente divino; Angelo Poliziano — que o mesmo Erasmo, jogando com as conotações antropomórficas do florentino, teve como angélico —; e o próprio autor do *Moriae encomium*. Frei António de Beja, com efeito, traduz em português longos trechos do *Tractatus aduersus astrologiam diuinatricem*, no seu polémico livro *Contra os juízos dos astrólogos*<sup>3</sup>, escrito a pedido de Dona Leonor, a rainha velha, e publicado em 1523, assim como cita largamente o *De hominis dignitate* do *prince charmant* do Humanismo na sua *Breve doutrina e ensinança de príncipes*<sup>4</sup>, de 1525. Martinho ou Martim de Figueiredo, antigo discípulo de Poliziano em Florença, no seu livro com os comentários do *prologus* à *Historia naturalis* de Plínio na edição de Germão Galharde<sup>5</sup> em 1529, adopta a lição filológica do seu

<sup>3</sup> Ver *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, pp. 573-618, «António de Beja est-il disciple de Pico della Mirandole?», onde se procura documentar a dependência do livro de António de Beja em relação à obra do humanista de Mirandola.

<sup>4</sup> Pelo que respeita à dependência da *Breve doutrina e ensinança de Príncipes* em relação ao *De Hominis Dignitate*, ver *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, pp. 601-610.

<sup>5</sup> Ver, pelo que concerne a uma citação erasmiana de Martim de Figueiredo, a interessante nota de Américo da Costa Ramalho, «Martim de Figueiredo e Erasmo», in *Para a História do Humanismo em Portugal*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade, 1988, pp. 175-176. O douto filólogo coimbrão faz muito bem em sublinhar que «nem o texto crítico [«per modo di dire»] do Livro I da *Historia Naturalis*, publicado em Lisboa, em 1529, é do português Martinho ou Martim de Figueiredo, nem o seu comentário pertence inteiramente a Angelo Poliziano». Mas ao repetir a lição textual de seu Mestre Angelo Poliziano, com alguns comentários também da sua lavra, Martinho de Figueiredo adopta criticamente em Portugal uma atitude metodológica nova pelo

mestre, que elogia fervorosamente, ao lado de outros grandes nomes da filologia humanística europeia, como, por exemplo, Erasmo de Roterdão. E André de Resende escreve em versos latinos um elogio de Erasmo, que este publica no ano de 1531 em Basileia, através dos prelos frobenianos, tendo duras palavras contra os detractores do incansável humanista<sup>6</sup> que, em 1516, editara o *Nouum Testamentum* no texto grego e com uma tão renovadora versão latina<sup>7</sup>. Temos a seguir o florescimento de numerosos textos em latim com glosas ou comentários também em vulgar pelo próprio André de Resende e por tantos mais, como Damião de Góis (o amigo e correspondente de Erasmo), Diogo de Teive, João de Barros, António Luís, Coelho de Moraes, D. Jerónimo Osório e muitos outros. A obra destes e de outros autores reflecte o influxo do Humanismo italiano, francês, hispânico, germânico e até britânico: humanistas itálicos não só de '400 mas ainda de '500 como Sannazaro, Pietro Bembo, Sadoletto, Paolo Giovio; humanistas franceses, germânicos e ingleses como Guillaume Budé, Lefèvre d'Étaples, Reuchlin — discípulo de Pico della Mirandola — e Thomas More. É óbvio que o Humanismo português não se limita a seguir o sulco destes filólogos, poetas, teólogos, gramáticos e retores, pois possui a sua originalidade. Mas o que importa sublinhar é que entre 1450 e 1600 se vive num século e meio de intercâmbio fecundo através das cortes e das Universidades da România e mesmo de uma Europa sem fronteiras, pelo menos no que diz respeito à *respublica christiana*. A própria Reforma não veio totalmente romper essa unidade no plano cultural, ainda que, segundo a palavra de Resende, seja susceptível de ser interpretada como ruptura da túnica inconsútil de Cristo<sup>8</sup>. Os caracteres móveis contribuem para a

que concerne a uma determinada orientação de «filologia do rigor», que é a do Humanismo florentino. E isso é, de facto, muito importante.

<sup>6</sup> Sobre o alcance metodológico e filológico destas «duras palavras», ver *Humanisme et Renaissance*, pp. 499-507 e designadamente acerca do «erasmismo filológico» de Resende, na mesma obra, as pp. 508-521.

<sup>7</sup> *Humanisme et Renaissance*, nota 42 na p. 334, acerca do estímulo que representou o projecto da Poliglota *complutensis* para a publicação mais apressada do *Nouum Instrumentum*. Ver igualmente, *op. cit.*, p. 1001 daquele nosso estudo, onde nos referimos à mais recente bibliografia sobre o *Novo Testamento*, com a menção da nossa recente recensão da reprodução germânica do monumento erasmico, Estugarda, 1986.

<sup>8</sup> *Humanisme et Renaissance*, p. 531: «Quem deu auctoridade a Martinho Lutero não bispo, mas frade desprezador da religião, e apostata da fee, e a outra turba de hereticos que d'elle emanaram, sen madura idade, sen dignidade epis-

difusão dos textos do Humanismo. Em Portugal, apesar da sua importância, nota-se — como André de Resende observa num passo conhecido — uma lamentável míngua de caracteres gregos, e isto exactamente quando, na vizinha Espanha, se fundem esses caracteres entre os mais belos e mais claros da tipografia europeia para nos dar, por exemplo em Alcalá de Henares, a incomparável Poliglota do cardeal de Cisneros<sup>9</sup>. Em meados do século XVI, em obras editadas em Coimbra, podemos admirar, em textos latinos, ou nas glosas marginais, citações gregas mais ou menos longas. Por outro lado, numerosos humanistas nossos ensinam em Universidades da França, da Espanha e até da Itália (em Roma, brilha uma estrela de primeira grandeza na área da filologia do Humanismo, o Aquiles Estaço editor e comentador de clássicos latinos, que professou na Sapienza e legou a sua biblioteca à Cidade Eterna<sup>10</sup>). O Humanismo português é, portanto, rico de escritos originais ou exegeticos e aberto à Europa: o que procurámos demonstrar, em 1978, no colóquio internacional *L'Humanisme portugais et l'Europe*, no Centre d'Études Supérieures de la Renaissance da Universidade de Tours e como pode documentar-se pelas respectivas Actas<sup>11</sup>.

1. Mas esta não é uma comunicação sobre o Humanismo do Renascimento. Cumpre-nos agora dissertar sobre a ciência filológica moderna, no plano dos estudos humanísticos. Poderíamos porventura sustentar

copal, e o que pior é, sen spirito de temor de Deos, non soamente inquirir, mas condemnar ho que fixo e firme stava? e romper ha tunica de Christo tecida de agulha e sobremão sen costura algua? e interpretar ha scriptura a seu damnado appetite, contra interpretaçam dos sagrados doctores que ha sancta egreja por catholicos tõe e approva?» André de Resende assume, portanto, com estas palavras, uma atitude tão teològicamente antiluterana como seu Mestre Desiderio Erasmo, depois da polémica do livre arbítrio em 1524.

<sup>9</sup> Ver, sobre a Poliglota complutense, *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal*, pp. 331-332 e a já citada nota 43 da p. 334.

<sup>10</sup> Sobre Aquiles Estaço, ver José Gomes Branco, «Un umanista portoghese in Italia: Achilles Estaço», in *Relazioni storiche fra l'Italia e il Portogallo*, Roma, 1940, pp. 135-148; Artur Moreira de Sá, «Manuscritos e Obras Impressas de Aquiles Estaço», *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, 1957, n.º 3, pp. 167-178; e Américo da Costa Ramalho, «Notas sobre a Formação de Aquiles Estaço», *Biblos*, Coimbra, 1978, 54, pp. 239-252.

<sup>11</sup> *L'Humanisme portugais et l'Europe — Actes du XXI<sup>e</sup> Colloque International d'Études Humanistes, Tours 3-13 juillet 1978*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984.

que uma tal ciência surge em Portugal em fins do século passado em Lisboa e em Coimbra. Não é ainda um conhecimento crítico verdadeiro e próprio, mas balbúcios ou tentativas que de algum modo já o anunciam. Em Lisboa, D. Pedro V tinha fundado em 1858 o Curso Superior de Letras. Entre os docentes que se distinguem nesta Escola no último quartel do século, contam-se, no domínio dos estudos literários, o positivista crítico Teófilo Braga e o investigador Epifânio da Silva Dias. Teófilo, trabalhador infatigável e militante fervoroso do republicanismo histórico e do anticlericalismo de combate, deixou uma obra desigual, repleta de hipóteses aventurosas e audazes que convertia assertivamente em teses apodíticas, mas fez também uma fecunda sementeira de ideias e doutrinas que tanto filólogos como historiadores terão de conhecer, mesmo quando as não possam aceitar. Algumas das suas edições de textos são filològicamente desastrosas. Mesmo quando elas atestam um modelo susceptível de ser apresentado como reprovável — exemplo a não seguir — há, porém, que levá-las em conta. A imaginação fantasiosa prejudica quase sempre a disciplina intelectual. Teófilo concedeu demasiado à imaginação para que tantos dos seus estudos possam ser considerados como científicos, mesmo à luz dos métodos seus contemporâneos. Já o assinalou então, e numerosas vezes, Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Epifânio da Silva Dias é de uma outra estirpe. Professor de Grego no Liceu e, depois de 1894, no Curso Superior de Letras, algumas das suas edições críticas — de escritos breves geralmente, há que sublinhá-lo — e principalmente a sua edição de *Os Lusíadas* já demonstram que o editor, trabalhando embora sobre textos em vernáculo, merece plenamente o glorioso nome de filólogo<sup>12</sup>. E isso ocorre até quando, afastando-se desta actividade hermenêutica sobre um poema genial, se dedica mais humildemente a tarefas de gramático, quer na sua *Sintaxe histórica*, quer nos seus despreziosos elementos gramaticais. Estava perfeitamente à altura de levar a bom termo com êxito idênticos trabalhos no domínio da filologia humanística.

<sup>12</sup> Augusto Epifânio da Silva Dias foi decerto um grande filólogo, sobretudo se tivermos de situá-lo no contexto científico da sua época. A sua edição de *Os Lusíadas* (tanto a primeira de 1910 como principalmente a segunda, de 1916-1918) demonstra à saciedade que ele foi um dos melhores comentadores do nosso poema nacional. Mas nem por isso há que pôr de remissa as lacunas e algumas ingenuidades que estes excelentes filólogos portugueses cometiam, quase sempre por ignorância das fontes europeias do Humanismo quatrocentista e quinhentista.

Em Coimbra, nos fins do século passado, agonizava miseramente uma Faculdade de Teologia sem brilho nem originalidade. O advento da República representou para ela o golpe de misericórdia. Apesar da sua defesa, ardorosamente combatida contra o Bispo de Coimbra, por José Maria Rodrigues — polemista que já nos seus tempos de estudante criara dificuldades ao maior escritor português de então e decerto o mais virulento e temível, Camilo Castelo Branco —, o seu desaparecimento estava na ordem natural das coisas: a República limitou-se a lavrar um simples certificado de óbito. Maus teólogos, autores de dissertações cientificamente inoperantes e ingénuas, de teses vazias mesmo à luz da ciência religiosa oitocentista, iam, não obstante, dar provas egrégias de poder transformar-se em bons filólogos (pelo menos alguns deles). A nova Faculdade de Letras, fundada em 1911, deu hospitalidade a vários desses teólogos falidos ou frustrados, entre os quais o próprio primeiro director da nova Faculdade, o aliás excelente liturgista António Garcia Ribeiro de Vasconcelos. José Maria Rodrigues acabaria por fixar-se em Lisboa como professor de Letras e grande camonista, apesar das suas fantasias teimosas acerca dos amores hipotéticos de Camões com a Infanta D. Maria. Joaquim Mendes dos Remédios que, como teólogo, estudara o hebraico, serve-se deste seu conhecimento — que o não guindou ao nível de grande hermeneuta do Antigo Testamento — para estudar um ou outro texto hebraico dos Judeus portugueses da Diáspora, ainda que os seus contributos sobre Samuel Usque, sendo honestos, não

A sua ciência filológica era geralmente rigorosa, mas confinada nos estreitos limites de uma área factual concreta, porventura devido às dificuldades que então existiam, nas escolas portuguesas, pelo que concerne a uma bibliografia actualizada. Por isso nos impressionam ainda hoje o pedantismo e a severidade com que alguns desses dignos estudiosos e diligentes investigadores julgavam e repudiavam pequenos erros, ou como tais retidos, dos seus pares. Epifânio não fugiu à regra, como, aliás, sobejamente demonstrou José Maria Rodrigues no seu trabalho *Algumas Observações a uma Edição Comentada dos Lusíadas*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1915, separata da *Revista da Universidade de Coimbra*, Vol. II-IV. Infelizmente ainda hoje existem pequenos Aristarcos, embora a circulação bibliográfica internacional nos permita um conhecimento crítico que no primeiro quartel do século XX (e com mais razão no último do século XIX) não existia de facto em Portugal. O grandíssimo erudito José Leite de Vasconcelos seguiu também as pisadas de Epifânio.

possam ser considerados valiosos como ciência crítica<sup>13</sup>, o que não quer dizer que não haja publicado trabalhos meritórios noutros domínios e até acerca dos Judeus. António de Vasconcelos era dotado de vocação filológica e foi mesmo um excelente gramático embora, como tal, destemperada e injustamente criticado pelo seu homónimo de Lisboa, o grande erudito José Leite de Vasconcelos, naturalista convertido à filologia e principalmente à etnologia, investigador de uma curiosidade insaciável, mas não raro confinado em pesquisas nacionais e regionais, apesar de ser o autor de uma tese ainda hoje valiosa, defendida na Sorbonne, *Esquisse d'une Dialectologia portugaise*, Lisboa-Paris, 1902. António de Vasconcelos deixou-nos trabalhos primorosos de investigação histórica, admiravelmente redigidos, fundados numa documentação arquivística de amplitude excepcional e de rara exactidão. Gonçalves Guimarães, autor de boas edições como as do *Cancioneiro Geral* de 1516 e de uma ainda hoje interessante edição de *Os Lusíadas* (que não é dotada, em nosso entender, de méritos da de Epifânio da Silva Dias), não está cientificamente à altura de Vasconcelos. É sob a orientação deste professor e de Mendes dos Remédios que vai aparecer em Coimbra, nos anos de 1918 e 1919, o primeiro estudo importante de filologia humanística moderna acerca da obra epistolar do humanista Clenardo e do seu testemunho sobre a vida portuguesa do século XVI. O seu autor é Manuel Gonçalves Cerejeira, um eclesiástico que iria alguns anos depois abandonar o ensino universitário, porque escolhido como arcebispo de Mitilene e auxiliar do patriarcado de Lisboa em 1928 e, no ano seguinte, nomeado patriarca e feito cardeal da Igreja Romana por Pio XI.

2. Antes de evidenciar o interesse humanístico da pesquisa histórico-filológica de Manuel Gonçalves Cerejeira acerca de Clenardo e o Renascimento em Portugal, convém lembrar que os estudos filológicos devem muito em Coimbra à actividade heurística de uma senhora alemã, tornada portuguesa pelo casamento, Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Convidada como professora da Universidade de Lisboa em 1911, transferiu-se para a de Coimbra onde, em 1916, foi sagrada doutora *honoris causa*. Carolina Michaëlis fizera na Alemanha estudos profundos com grandes

<sup>13</sup> Ver, a esse respeito, o que escrevemos no nosso estudo sobre a *Consolação às Tribulações de Samuel Usque. Alguns dos seus aspectos messiânicos e proféticos. Uma obra-prima da Língua e das Letras portuguesas*, introdução à edição de Ferrara de 1553, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, pp. 369-375.

mestres embora fora do âmbito universitário, então inacessível às mulheres, e correspondia-se com as maiores autoridades, no domínio da filologia românica, de vários países, entre eles a Itália, a França e a Espanha. Em 1885 publicou uma edição monumental das obras poéticas de Francisco de Sá de Miranda<sup>14</sup>, edição de algum modo precursora da mais moderna orientação metodológica de crítica textual, pois a editora se recusa a operar manipulações textuais com base em opções formuladas de acordo com o endereço lachmaniano — então ainda não apurado, apesar da introdução de Lachman ao *Lucretius* de 1850 —, para escolher a lição do melhor manuscrito, fixada de acordo com normas rigorosamente uniformes e enriquecendo o aparato crítico com as variantes essenciais. É a aplicação, aos textos em vernáculo, de métodos já de há muito aplicados aos textos gregos e latinos. Francisco de Sá de Miranda teve a sorte de encontrar em Carolina Michaëlis a editora sábia e meticulosa: ao próprio Camões não coube ainda uma sorte idêntica nem sabemos se algum dia poderá vir a tê-la. Do seu magistério e do de António de Vasconcelos nasce — podemos bem reconhecê-lo — o primeiro valioso trabalho de pesquisa filológico-humanística levado a cabo em Portugal, a dissertação de Manuel Gonçalves Cerejeira sobre as *Epistolae* de Nicolau Clenardo.

Cerejeira tinha-se bacharelado em Teologia, frequentara com êxito a Faculdade de Direito e concluíra com distinção os cursos de Letras. A sua tese de doutoramento sobre Clenardo foi apresentada e defendida em provas públicas, tendo nelas o candidato obtido a mais alta classificação. A pesquisa funda-se no respeito mais fiel do texto clenardiano. O ponto de partida é o testemunho do humanista flamengo sobre a sociedade portuguesa do século XVI, explicado nas suas *Epistolae* que os prelos plantinianos difundiram por toda a Europa. Cerejeira conhece igualmente os manuais clenardianos de gramática hebraica, grega e latina. Traduz com elegância e com exactidão as suas cartas, recria os aspectos mais característicos da sociedade portuguesa de Quinhentos através da imagem que dela nos debuxa um homem sincero, de olhos bem abertos sobre o mundo, alheios aos subterfúgios formalísticos da hipocrisia meridional. Clenardo era um cristão autêntico, erasmiano pela

<sup>14</sup> *Poestas de Francisco de Sá de Miranda, Edição feita sobre cinco manuscritos inéditos e todas as edições impressas, acompanhada de um estudo sobre o Poeta, variantes, notas, glossário e um retrato*, Halle, Max Niemeyer, 1885, pp. CXXXVI + 950.

*forma mentis*, aberto ao diálogo. Pensava que só no total acatamento da liberdade espiritual os cristãos poderiam servir a essência da mensagem evangélica. O investigador português admite, aceita e preconiza esta concepção de diálogo ecuménico que define doutrinalmente o programa do humanista Clenardo. Interpreta e procura dilucidar o que, na exegese da epistolografia clenardiana, mais contribui para estabelecer, com harmonia e verdade, uma história crítica da sociedade portuguesa, da civilização portuguesa, sem postergar o que, nessa exegese, pode ser menos grato à nossa vaidade nem para carregar o que possa eventualmente ser mais lisonjeiro aos nossos pruridos nacionalistas de país colonizador. A filologia está, aqui, ao serviço do rigor historiográfico<sup>15</sup>.

Estamos, por consequência, na década de 1920-1930. A Universidade portuguesa, através das Faculdades de Letras de Coimbra e Lisboa, as duas únicas existentes no país, consagra-se principalmente à investigação histórica e à filologia românica. A filologia germânica e os estudos anglo-saxónicos começarão a desenvolver-se sobretudo na década de 1930-1940. Os investigadores da cultura clássica preferem orientar os seus discípulos para o estudo dos textos gregos e latinos antigos, dando a impressão de considerar a vastíssima produção greco-latina do Renascimento como uma área de valor menor. Não se fere, portanto, a objectividade sustentando que de 1920 a 1950, não existe, de facto, filologia humanística em Portugal, não existem estudos humanísticos portugueses sobre a cultura renascentista, dentro de uma orientação metodológica moderna. São três décadas de vazio pelo que concerne à produção crítico-bibliográfica. E, não obstante, Rebelo Gonçalves publica no ano de 1937 em São Paulo, no Brasil, as suas primorosas *Dissertações Camonianas*, e o seu interessantíssimo florilégio de ensaios *Filologia e Literatura*<sup>16</sup>. Nem um nem outro destes dois livros pode ser considerado como de filologia humanística, porque Camões, tendo sido profundamente influenciado pelo Humanismo renascentista, não é, de verdade, um humanista. Além disso, os outros ensaios de Rebelo Gonçalves só secundariamente

<sup>15</sup> Ver o que recentemente escrevemos no nosso estudo *Manuel Gonçalves Cerejeira e os Estudos Humanísticos em Portugal*, Lisboa, 1990, separata de *Lusitânia Sacra*, 2.<sup>a</sup> série, 2 (1990), pp. 47-68.

<sup>16</sup> *Dissertações Camonianas*, S. Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Companhia Editora Nacional, 1937, 206 pp.; e *Filologia e Literatura*, S. Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Companhia Editora Nacional, 1937, 506 pp.

tratam a fundo de temas do Renascimento. Será inexacto, então, dizer que é a partir destes dois trabalhos e do magistério do seu autor que irão aparecer, nas décadas de 1950-1970, alguns dos melhores estudiosos contemporâneos da nossa filologia humanística?

3. Depois da sua vinda do Brasil, Rebelo Gonçalves professa a cátedra de Coimbra de 1939 a 1951, tendo neste ano regressado à Universidade onde se formara e doutorara. Os seus discípulos de Coimbra — sobretudo Américo da Costa Ramalho e Maria Helena da Rocha Pereira — irão erguer o facho da nova filologia humanística portuguesa. Juntar-se-lhes-ão dois outros discípulos da Escola de Lisboa, Walter de Sousa Medeiros e Raul Miguel Rosado Fernandes, tendo o primeiro ficado na Alma Mater de Coimbra para se dedicar exclusivamente, apesar de uma excelente tese de licenciatura sobre Aires Barbosa, à filologia clássica, especialmente helénica, embora as suas traduções de textos clássicos latinos sejam verdadeiramente primorosas.

Rebelo Gonçalves não havia sido formado pela Escola conimbricense: era demasiado jovem para poder ter sido discípulo de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, desaparecida em 1925. Teve, em Lisboa, mestres como o camonista José Maria Rodrigues, José Joaquim Nunes, gramático de valor, e José Leite de Vasconcelos, filólogo e etnólogo de vastos interesses culturais.

Foi, por consequência, com base no magistério de Rebelo Gonçalves e de Carlos Simões Ventura — um helenista de mérito, grande conhecedor dos clássicos antigos e portugueses, mas confinado na sua própria erudição, sem obra publicada — que se formaram os investigadores que hoje, em Coimbra e em Lisboa, mas principalmente em Coimbra, se dedicam à filologia do Humanismo. Entre todos, é Américo da Costa Ramalho aquele que *ex professo* mais entusiasticamente e com maior atenção se tem dado ao estudo do Humanismo em Portugal. Formado e doutorado em Coimbra, aperfeiçoou os seus estudos na Universidade de Oxford e tem publicado numerosas e importantes pesquisas sobre humanistas portugueses do Renascimento<sup>17</sup>. É, além disso, o universi-

<sup>17</sup> Pelo que concerne à produção de Américo da Costa Ramalho no domínio dos estudos humanísticos, veja-se Isaltina das Dores Figueiredo Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade, 1986, p. 267 (no índice). Este investigador é, sem possibilidade de contestação, o estudioso que mais numerosos contributos bibliográficos e científicos tem publicado nesta área.

tário que melhor conhece a obra de Cataldo Siculo. A sua preocupação é a de levar a bom termo pesquisas científicas com um método de austera exigência mas também colocar à disposição dos estudantes e estudiosos de cultura clássica, instrumentos de pesquisa e textos latinos escorreita e correctamente apresentados.

Maria Helena da Rocha Pereira, helenista de prestígio internacional, está mais voltada para a filologia clássica do que para a do Humanismo, embora haja publicado valiosas pesquisas sobre temas portugueses relacionados com a cultura antiga e renascentista<sup>18</sup>. Estes professores e investigadores têm formado discípulos, alguns dos quais já publicaram trabalhos sérios e meritórios. Poderíamos e talvez devêssemos mencioná-los a todos, mas que dois nomes os representem, pois são os que, sendo já mais experientes, nos deram as primícias valiosas do seu saber: Sebastião Tavares Pinto, autor de uma tese importante sobre o *De senectute* de Lopo Serrão, e Nair de Nazaré Castro Soares, autora de uma excelente edição da *Tragédia do Príncipe D. João* de Diogo de Teive. São dois professores que honram a filologia humanística da escola de Coimbra. Outros estudiosos jovens da mesma escola têm editado textos renascentistas que só existiam em edições impressas, do séc. XVI, de insigne raridade<sup>19</sup>.

<sup>18</sup> Ver a menção de alguns desses trabalhos em Isaltina das Dores Figueiredo Martins, *Bibliografia do Humanismo em Portugal no Século XVI*, p. 266 (no Índice de Autores).

<sup>19</sup> Já depois de haver publicado a *Carta à Rainha de Inglaterra*, com a crítica, modernização do texto e uma primorosa tradução (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981), Sebastião Tavares de Pinho editou *Lopo Sertão e o seu Poema da Velhice*, Estudo introdutório, texto latino, aparato crítico, tradução e notas (Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade, 1987), trabalho importante com que alcançou o grau académico de doutor na Alma Mater conimbricense. Nair de Nazaré Castro Soares editou em Coimbra, 1977, a sua excelente tradução da *Tragédia do Príncipe João* de Diogo de Teive e prepara, sobre as ideias de D. Jerónimo Osório e de outros humanistas acerca do ofício do príncipe, uma tese de doutoramento que será decerto muito valiosa, a julgar pelas qualidades já patenteadas no seu primeiro trabalho acima referido. Outros estudiosos jovens investigam na área do Humanismo sob a égide do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: é justo distinguir Virgínia Soares Pereira que em 1988 editou a *Carta a Bartolomeu de Quevedo* de André de Resende, com uma introdução, texto latino, versão e notas.

Lisboa ficou infelizmente um tanto marginal a este fervor filológico. Os docentes da Universidade olissiponense — alguns dos quais são óptimos latinistas e bons helenistas — não se têm interessado pelos textos humanísticos do Renascimento. Só uma excepção, e trata-se ainda de um antigo aluno de Rebelo Gonçalves: Raúl Miguel Rosado Fernandes, que há anos se ocupa do estudo do *De Antiquitatibus Lusitaniae* de André de Resende, com finalidades, contudo, mais marcadamente históricas do que humanísticas, embora o seu trabalho se realize dentro dos cânones filológicos que Rosado Fernandes aprendeu com Rebelo Gonçalves e Scarlat Lambrino e, ainda, com os métodos apurados da filologia germânica.

Universitários, mas sem estarem situados dentro de uma orientação específica de escola, podem considerar-se os seguintes estudiosos: Luís de Matos, discípulo de Marouzeau e de Jean Bayet, autor de alguns trabalhos de investigação filológica sobre humanistas do Renascimento, cuja importância seria ocioso aqui sublinhar<sup>20</sup>; José Sebastião da Silva Dias, vindo para a Universidade Nova de Lisboa da Universidade de Coimbra, com uma formação mais histórico-jurídica e, portanto, interessado em primeiro lugar pela história das ideias elaborada a partir sobretudo de textos humanísticos em vernáculo<sup>21</sup>; Justino Mendes de Almeida, também ele formado na escola de Rebelo Gonçalves, mas posteriormente desvinculado da Universidade Clássica de Lisboa para dar a sua colaboração a outras Universidades<sup>22</sup>; Luís de Sousa Rebelo, a traba-

<sup>20</sup> Luís de Matos é hoje, como já nos foi dado sustentar alhures, o nosso melhor conhecedor das relações humanísticas entre Portugal e a França, como demonstrou em *Les Portugais à l'Université de Paris entre 1500 et 1550*, Coimbra, Por Ordem da Universidade, 1950 e noutros importantes estudos ulteriormente publicados. Aguarda-se com impaciência a próxima publicação da sua grande tese de doutoramento (brilhantemente defendida na Sorbonne em 1959) sobre «L'Expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance».

<sup>21</sup> Depois de nos haver dado obras fundamentais como *A política cultural da época de D. João III* (Coimbra, 1969) em dois sólidos volumes recheados de investigações arquivísticas e de largas perspectivas culturais pelo que diz respeito à presença do pensamento europeu na civilização literária e doutrinária portuguesa, José Sebastião da Silva Dias continua incansavelmente a trabalhar no domínio da nossa história das ideias, aguardando-se para breve a publicação de uma poderosa dissertação acerca do erasmismo em Portugal, já estudado por Marcel Bataillon.

<sup>22</sup> Justino Mendes de Almeida tem-se dedicado ao estudo não só de Camões mas também de alguns humanistas portugueses, designadamente os que, como Jerónimo Cardoso, aprofundaram problemas filológicos e sobretudo lexicográficos.

lhar em Londres desde a conclusão do seu curso em Lisboa, tendo, portanto, sido sensível, na exactidão e depuração<sup>23</sup>, ao influxo dos mestres da escola britânica; Amadeu Torres, com uma formação filológica e linguística, hoje professor na Universidade do Minho<sup>24</sup>; Jorge Osório, discípulo de Américo da Costa Ramalho, hoje na Universidade do Porto, havendo alargado os seus interesses a um domínio de pesquisa em que, sem se afastar da filologia clássica, procura aplicar os seus métodos também à literatura em vulgar<sup>25</sup>. Pelo que nos diz respeito — e, como é óbvio, preferimos silenciar o que outros, se assim o entenderem, poderão sublinhar —, nunca esqueceremos o que ficámos a dever a Carlo Calcaterra que nos orientou em 1950 na Universidade de Bolonha e, principalmente, a Marcel Bataillon, à sua amizade e ao seu discreto e admirável ensinamento. Foi a partir dos livros renascentistas e de alguns manuscritos, portanto interessado ainda pela iconografia dos escritos humanísticos, que nos apaixonámos pelos textos literários, científicos e figurativos que continuamos a procurar relacionar com a sua circulação e, por consequência, com a sua irradiação cultural para o nosso país desde a Itália, a França e a Espanha, e marginalmente desde a Alemanha e a Inglaterra novilatinas.

Distinga-se, entre todos esses valiosos trabalhos, o que consagrou à *Oração de Sapiência, proferida em louvor de todas as disciplinas* deste humanista (Lisboa, 1965).

<sup>23</sup> Luís de Sousa Rebelo é um estudioso que nos tem oferecido dezenas de trabalhos de grande qualidade e rigor científicos como, por exemplo, *A Tradição Clássica na Literatura Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1982. Sousa Rebelo é exigentíssimo na elaboração dos seus estudos filológicos que aliam, à solidez da informação bibliográfica e da exactidão metodológica, uma excepcional elegância estilística.

<sup>24</sup> O *opus magnum* do grande latinista Amadeu Torres é o seu monumental trabalho em dois volumes, *Noese e Crise na Epistolografia Goisiana*. I. *As Cartas Latinas de Damião de Góis*; II. *Damião de Góis na Mundividência do Renascimento*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982.

<sup>25</sup> Entre os já numerosos contributos científicos de Jorge Osório — estudioso atento não só ao valor dos textos em latim e em vulgar mas também à intertextualidade —, distingamos a sua notável tese de doutoramento *O Humanismo Português e Erasmo*. Vol. I - *Estudo*; Vol. II - *Texto*, Porto, 1982, trabalho importantíssimo que urge editar *quanto prima*.

4. Vejamos agora, em breves traços, como se esboça e se define a orientação metodológica da filologia humanística em Portugal, comparando-a à maturidade destes estudos principalmente na Itália. Nota-se, logo *in limine*, nessa produção heurística e hermenêutica, a inexistência de edições críticas, fixadas através da pesquisa de uma colação textual precisa, feita sobre manuscritos e impressos. Há evidentemente algumas excelentes edições com estudos sérios de comento gramatical e histórico, com relevo para a história do latim renascentista, em perspectivas não raro escolásticas e didáticas, mas só de longe em longe com pormenorização analítica voltada para a história do texto. Os Portugueses continuam um tudo-nada alérgicos ao trabalho metucioso, beneditino, da colação textual, que exige olho de lince até para minudências silábicas e literais. Há, nas nossas bibliotecas e arquivos, manuscritos humanísticos, alguns — é verdade — em cópia de textos impressos, mas outros que influenciaram a evolução da escrita e até da própria redacção. Isto tanto pelo que diz respeito aos textos em latim como aos textos em português, embora, para estes, seja mais fácil o trabalho de colação (Francisco de Sá de Miranda e Camões são, como é óbvio, duas excepções prestigiosas e árduas).

Alguns estudiosos, mais historiadores do que filólogos ou até filósofos, interessam-se pela pesquisa das relações históricas a partir dos documentos (embora com menos interesse para as conexões intertextuais), fazendo-o aliás com grande competência, como, por exemplo, Artur Moreira de Sá<sup>26</sup>. Há ainda investigadores que, como Luís de Matos, com um óptimo conhecimento crítico dos textos latinos, têm procurado e conseguido estudar com êxito a repercussão dos Descobrimentos geográficos dos Portugueses na literatura latina do Renascimento<sup>27</sup>.

<sup>26</sup> Artur Moreira de Sá tem vindo, depois da sua morte, a ser sistematicamente esquecido como investigador e estudioso, esquecimento este que tem objectivamente de ser considerado muito injusto. Além dos serviços inestimáveis que prestou à Universidade portuguesa com a publicação do seu *Cartulário* — obra verdadeiramente monumental — editou valiosos trabalhos dos quais distinguimos a *Oratio pro Rostris* de André de Resende, Lisboa, 1956.

<sup>27</sup> Já em várias das suas pesquisas publicadas Luís de Matos nos ofereceu neste domínio achegas bibliográficas, achados preciosos de exegese pessoal e mesmo descobertas de natureza histórico-filológica. Mas é principalmente na sua grande obra, a ser em breve editada pela Fundação Calouste Gulbenkian, e que mencionamos *supra* (nota 20), que Luís de Matos dá a medida da sua capacidade excepcional, crítica, heurística e hermenêutica.

Há ainda os que, mais seduzidos pelo estudo da circulação das ideias políticas e sociais, como José Sebastião da Silva Dias — trabalhador infatigável pesquisando sobre uma massa impressionante de dados arquivísticos — olham para horizontes civilizacionais europeus, cuja criatividade doutrinal se reflecte no nosso Renascimento. Outros ainda atêm-se a um método mais apegado a orientações formais, mais filológicas e gramaticais, como Justino Mendes de Almeida que, no seu domínio, nos tem enriquecido com achegas valiosas, a partir de textos renascentistas como os de grandes lexicógrafos, tais, por exemplo, Jerónimo Cardoso e o próprio Resende, sem pôr de lado o estudo de interessantes inscrições epigráficas. O trabalho mais importante de reabilitação humanística para Damião de Góis pertence a Amadeu Torres<sup>28</sup>, que veio defender e provar que a *latinitas* do infeliz perseguido pela Inquisição portuguesa não é tão pobre e imperfeita como haviam afirmado, até, mestres insígnies como Marcel Bataillon. Jorge Alves Osório debruçou-se sobre os *Colloquia* erasmianos editados em Coimbra nos meados do século XVI e fê-lo com grande competência e sabendo relacionar as diversas lições textuais, neste caso mais numa análise diacrónica do que sincrónica<sup>29</sup>.

<sup>28</sup> Já fizemos menção deste trabalho na nota 24: o livro de Amadeu Torres é de verdadeira reabilitação humanística, pois um notável latinista de hoje põe em evidência que um latinista do Renascimento, tido por latinista mediocre, dominava a *latinitas* muito melhor do que se tem dito e tem sido mesmo repetido por grandíssimos investigadores como Marcel Bataillon. Amadeu Torres tenciona também reivindicar para o escritor de crónicas que foi Damião de Góis uma qualidade estilística que lhe tem sido negada. Jorge Borges de Macedo, num trabalho de excepcional agudeza crítica, põe em causa o historiador («Damião de Góis et l'histoire portugaise», in *Damião de Góis Humaniste européen*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro Cultural Português, 1982, pp. 55-244). Por nosso lado, não obstante a alta consideração que nos merecem os méritos científicos de Amadeu Torres, duvidamos um pouco de que seja possível vir a demonstrar, com os textos na mão, a mestria literária do autor da *Crónica de D. Manuel*. Por isso aguardamos com impaciência o prometido estudo do nosso eminente colega da Universidade do Minho e da Academia Portuguesa da História.

<sup>29</sup> Como já sublinhámos *supra* (na nota 25), impõe-se que Jorge Osório, tão bem informado como rigoroso quanto ao estudo dos textos, nos ofereça o mais depressa possível uma edição da sua tese de doutoramento, com a leitura crítica dos *Colloquia* publicados em Coimbra nos meados do século XVI, com o seu estudo introdutório e com as anotações e comentários do aparato textual e do aparato crítico.

5. O futuro da filologia humanística em Portugal não nos parece comprometido, antes pelo contrário, graças especialmente à Escola de Coimbra. É indispensável, porém, que depois da difusão de textos em boas edições modernas, sigamos o exemplo dos grandes filólogos italianos que vieram do estudo da *latinitas* medieval para a do Humanismo renascentista: o exemplo mais prestigioso é o de Billanovich<sup>30</sup>. Coimbra, com o dinamismo dos seus mestres jovens e menos jovens, tem de continuar a estar na origem destes estudos. Os quais, na verdade, se não têm florescido tanto entre nós como noutros países, é por algumas razões institucionais que deveremos corajosamente denunciar:

1.º) — O alcance exíguo, para não dizer nulo, concedido aos estudos clássicos, ao estudo do grego e do latim na actual reforma escolar portuguesa: aliás esta aversão ao latim e ao grego vem de longe e não deve ser procurada a sua causa apenas em razões de ordem política.

2.º) — A facilidade com que a Universidade portuguesa, em tempos de maior e de menor confusão, abriu o acesso do magistério a docentes impreparados e sem um conhecimento suficiente da cultura greco-latina, dos seus métodos de pesquisa e até com uma piramidal ignorância da história, da filologia e da cultura portuguesas.

3.º) — A sedução exercida sobre jovens docentes pelas teorias metodológicas ditas modernas quer sejam de cariz «estruturalista» quer de coloração dita «semiótica», algumas das quais, sob uma fachada de fascinantes novidades ambigualmente «científicas», escondem uma profunda impreparação dos seus cultores e um grande vazio em todos os domínios do saber, um desprezo lamentável pelos métodos mais sérios e um soberano ostracismo votado à malfadada erudição. Nos países culturalmente mais evoluídos e nas Universidades onde a exigência de rigor é incomensuravelmente maior do que nas nossas — por exemplo na Sorbonne e

<sup>30</sup> Giuseppe Billanovich é um exemplo eloquente, neste domínio, para todos os investigadores portugueses. Desde o seu *Petrarca letterato. I. Lo scrittoio del Petrarca*, editado em Roma no já longínquo ano de 1947, até *La tradizione del testo di Livio e le origini dell'Umanesimo*, cujo primeiro volume sobre «Tradizione e fortuna di Livio tra Medioevo e Umanesimo» foi publicado em Pádua em 1981 (e sem mencionar tantas outras suas pesquisas, designadamente a que consagrou ao Virgílio ambrosiano), os trabalhos deste investigador atêm-se rigorosamente a um campo limitado o qual, embora amplo no fluir da história, tem sido sem pausa pacientemente aprofundado.

no Collège de France — tudo isso já está de há muito reduzido à insignificância que de facto tem no plano de uma investigação verdadeiramente científica<sup>31</sup>.

Na Universidade de Lisboa talvez mais de 75% dos temas e dos assuntos estudados nas teses de mestrado e de doutoramento são da área contemporânea. Pouquíssimos escolhem o Humanismo renascentista como área temática das suas pesquisas e dos seus estudos.

A epidemia jornalística e ensaística tem afectado gravemente, no domínio das ciências humanas, os estudos universitários portugueses<sup>32</sup>. A austeridade incómoda das pesquisas diuturnas só fascina os que sincera e amorosamente se votam à dilucidação de textos difíceis mas importantíssimos para o história da cultura e da civilização<sup>33</sup>.

Esperemos que o bom exemplo da Universidade de Coimbra, pelo que diz respeito aos estudos humanísticos, frutifique nas outras Universidades de Portugal.

<sup>31</sup> Já em 1977 o saudoso Marcel Bataillon nos dizia, numa conversa informal a que também assistiram Jean-Claude Margolin e Jean Delumeau, que «d'ici vingt ans, personne n'en parlera plus» (referindo-se a muitas dessas pseudo questões que só revestem um carácter lúdico de exercício formal «qui ne mène pas bien loin» ...).

<sup>32</sup> Longe de nós pretender diminuir a função de um jornalismo cultural verdadeiramente sério, embora a actividade jornalística não possa, pela própria exigência da informação imediata, compaginar-se com o rigor. Outro tanto poderá repetir-se acerca do ensaísmo. Dizia-nos um dia um grande professor da Sorbonne: «Montaigne a écrit les *Essais* à la fin de sa vie. Aujourd'hui les jeunes commencent leur vie littéraire en écrivant des essais... L'Université n'a pas besoin d'essais, mais de recherches».

<sup>33</sup> É possível verificar, mesmo a nível universitário, que investigadores inteligentes constroem alguns dos seus trabalhos com leituras de segunda mão, e com reflexões não raro argutas e mesmo estimulantes, mas sem horizontes críticos de descoberta autenticamente inovadora. No próprio domínio de uma heurística historiográfica impõe-se a remissão constante e exaustiva às fontes manuscritas e impressas. Só deste modo será possível evitar erros na aparência ligeiros mas de facto graves e só no recurso incansável às fontes poderão erguer-se edifícios de ciência que não desabarão ao primeiro sopro do debate crítico.